



Os comentadores residentes da televisão portuguesa¹

Felisbela Lopes

Hália Costa Santos²

Uma das opções dos canais televisivos, de sinal aberto ou por cabo, para produzir debate e opinião sobre determinados assuntos da actualidade tem sido a criação de programas com comentadores residentes, dando origem ao que se convencionou chamar “painéis fixos”. Semana após semana, os mesmos indivíduos apresentam e rebatem argumentos. Como é que se distinguem estes programas, entre si, e quem são estes comentadores? Estas são duas questões que este artigo pretende responder, depois de se fazer um levantamento sobre as principais questões teóricas produzidas em torno da opinião que se faz em televisão.

1- O papel e o poder dos comentadores televisivos

A televisão reflecte, actualmente, um conjunto de produtos comunicacionais, apresentados sob diferentes e variados formatos, o que a faz manter, na sua essência, os seus objectivos iniciais. A formação dos elementos de uma sociedade continua a ser uma missão preponderante da televisão, enquanto meio de comunicação social de massas. Como argumenta Nuno Goulart Brandão, “os media, e em especial a televisão, são hoje os maiores distribuidores de cultura ao domicílio, pelo que é também crescente a nossa dependência desses meios, para termos um sentido de percepção do mundo” (2010:150). Este poder de fazer chegar informação, de forma generalizada, a um vasto conjunto de pessoas, com diferentes características e distintas formas de se posicionarem, atribui à televisão uma outra

¹ Trabalho apresentado no VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.

² Investigadores do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (felisbela@ics.uminho.pt;
halia.santos@ipt.pt).

missão: a responsabilidade social de recuperar valores e de incentivar a cidadania. Por outras palavras, a missão de informar não é suficiente; a televisão tem também que ajudar a descodificar. Os media que chegam a um grande número de pessoas têm um papel importantíssimo na formação da opinião (individual e/ou pública). Neste contexto, não será suficiente dotar os cidadãos telespectadores de informação, será também necessário fornecer-lhes diferentes visões do mundo e várias interpretações de um mesmo acontecimento. É neste contexto que nasce a necessidade de chamar para os palcos mediáticos comentadores de perfis profissionais diferenciados.

Um exemplo recente que mostra o papel de interpretação e descodificação, desempenhado pelos comentadores dos meios de comunicação em geral, foi a crise do 'subprime', que surgiu nos Estados Unidos da América. Sobre este tema, Claire Oldfield fez um estudo para a Editorial Intellegence. No prefácio, Charles Stewart Smith explica assim importância que os comentadores tiveram neste momento da História:

“Os resultados não são equívocos; nem nunca pretenderam ser. Mas parecerem comprovar a nossa premissa básica: os comentadores efectivamente ajudaram a formar a opinião e, até certo ponto, os eventos. Claro que uns fizeram-no melhor do que outros; mas no geral constata-se que nos serviram bem!” (Smith em Oldfield, 2009:6).

Na sua análise, Oldfield lembra que “os meios de comunicação audiovisual em particular tiveram uma vantagem, por causa da sua capacidade de informar rapidamente.” No caso concreto da crise americana, sublinha-se que “Robert Peston, Editor de Negócios da BBC, se transformou no rosto da crise financeira, trazendo novidades sobre as questões financeiras a uma nova audiência, através das suas análises diárias, das suas novas histórias (...).” (2009:14). Não só foram identificados os diferentes aspectos da crise na televisão, como usou blogues para explicar melhor o que estava a acontecer a um conjunto de pessoas que não tinham instrumentos para compreender questões que afectavam o dia-a-dia. No caso concreto da crise norte-americana, Claire Oldfield explica que “tanto os comentadores da política como os da economia tiveram que se transformar em analistas macro-económicos de um fenómeno que poucos, ou mesmo nenhuns, tinham visto antes.” (2009:5). Esta autora cita Woody Kerr, quando este defende que “o papel dos comentadores é destilar, analisar e prever” (2009:7). Estas capacidades atribuídas aos comentadores serão aquelas que os telespectadores supostamente necessitam da informação televisiva: mais do que saber o que aconteceu, o comentador deve desmontar os acontecimentos, atribuindo-lhes significados e

explicações, para que seja possível admitir cenários de futuro. No fundo, o que o comum cidadão espera é que lhe seja fornecida uma leitura dos acontecimentos que lhe dê alguma garantia de estabilidade, de segurança. Ou, não sendo possível obtê-las nas condições em que está, que lhe sejam proporcionadas alternativas para procurar informação noutras locais (entrando, neste ponto, a função de previsão).

Uma das formas de tranquilizar a opinião pública é, por exemplo, explicar o que significam conceitos desconhecidos até um determinado momento e que passam a ser de uso corrente associados a determinada onda noticiosa do momento. No caso atrás referido, “a resposta passou pelos comentadores e profissionais do audiovisual conduzirem um subtil – e rápido – processo de educação. Woody Kerr diz que “uma nova linguagem entrou na consciência generalizada”. Foi apimentada com palavras e expressões como ‘crise de crédito’, ‘derivados’, ‘hedge funds’, ‘securitisation’ e ‘subprime.’ (Oldfield, 2009:16). E a verdade é que alguns destes termos passaram a ser usados em Portugal, em Inglês. No caso da crise americana, não só os cidadãos norte-americanos começaram a dominar um vocabulário específico como também os consumidores de informação de várias partes do mundo se familiarizaram com um jargão técnico até aí cativo de uma elite do mundo das finanças e da economia. E isto aconteceu não tanto pela recepção de notícias, mas mais pela atenção dada pelos comentadores ao assunto, explicando o que significam expressões específicas (o ‘subprime’ é, talvez, o melhor exemplo disso mesmo).

Nem sempre os comentadores televisivos (e outros) funcionam como garante de acalmia. Jones e Smith admitem que, em certos casos, o discurso dos comentadores falha. Parece ter sido o que aconteceu por altura do ataque às torres gémeas de Nova Iorque, como resultado na necessidade de reagir rapidamente. Entre outros aspectos, os autores argumentam que a incapacidade de perceber 'o outro' (no caso, os terroristas) deu origem a interpretações pouco rigorosas.

“Tais comentários que formam a opinião pública nos media actuais (escritos e audiovisuais) resultam de um imperativo de imediatismo, conduzido pela tecnologia da comunicação electrónica, que formata o acelerado mundo da política. O comentador interpreta um determinado evento para o grande público, mas não se preocupa em fazer uma análise cuidada do problema nem das suas nuances. A urgência antecipa a investigação exhaustiva, avançando para padrões que aumentam a ameaça. Consequentemente, surge um diagnóstico desadequado que facilita um discurso fracassado.” (Jones e Smith, 2006: 1079).

Considerando a procura da necessária objectividade jornalística, na forma como se seleccionam e apresentam os acontecimentos (sem esquecer todas as discussões sobre a eficácia ou manipulação destas práticas), importa analisar a outra componente do universo comunicacional da televisão, aquela em que se interpretam e analisam esses mesmos acontecimentos, de uma forma regular, permanente, com os mesmos protagonistas. Procurando dar uma imagem de pluralismo e tentando cumprir lógicas de representatividade de diferentes sectores (assim como dentro de cada um deles), os responsáveis pelos canais de televisão têm vindo a constituir painéis de comentadores residentes.

Admite-se que esta aposta de convidar/contratar indivíduos com carácter de permanência garanta uma fidelização de audiências, que se identificariam com determinado posicionamento apresentado pelo comentador A ou B. Esta estratégia poderá também funcionar pela negativa, quando os telespectadores seguem um comentador com cujas posições não concordam. Vêm a emissão para se oporem ao que aí é dito. Vêm pela polémica que uma emissão levanta. Em qualquer dos casos (admitindo-se que a primeira hipótese seja a mais frequente), os telespectadores obtêm neste tipo de painéis fixos argumentos para, numa primeira fase, construir a sua própria opinião e, numa segunda fase, para poder discuti-la nos mais variados contextos.

Recuperando a teoria da 'espiral do silêncio', importa lembrar a ideia de que “*a sociedade ameaça com isolamento os indivíduos que se desviam*” (McQuail, 2003:103). Daí a importância de dotar (potencialmente) todos os cidadãos de informação e de opinião. McQuail explica assim a teoria de Noell-Neumann:

“Basicamente, a teoria defende que, para evitar o isolamento no que respeita a assuntos públicos importantes (como o apoio a um partido político), muitas pessoas procuram, no seu ambiente, pistas sobre a opinião dominante e os pontos de vista que ganham força ou estão em declínio.” (McQuail, 2003:103).

O poder que os comentadores detêm tem sido alvo de várias análises, reconhecendo-se, em geral, a força que possuem e a capacidade que têm de influenciar, seja através da apresentação de argumentos, seja através da própria manipulação. Neste processo construtivo entram também em linha de conta aspectos relacionados com os valores e com as atitudes. Glynn explica estes conceitos deste modo: “*Valores são ideais. As crenças representam o nosso conhecimento de como as coisas são, mas os valores representam o nosso conhecimento de como as coisas deveriam ser.*” (Glynn et al, 1999: 105). O autor

defende que as atitudes são generalizadas e dizem respeito a um sentimento positivo ou negativo acerca de uma pessoa, objecto ou assunto. Assim, semana após semana, os comentadores residentes esforçam-se por generalizarem as suas convicções, com o objectivo de as tornar atitudes.

Num país democrático, é assumido que cada cidadão terá todas as condições para formar a sua própria opinião. *“O ideal democrático perspectiva um indivíduo independente obtendo informação, pesando escolhas, fazendo um julgamento avaliativo, tudo isto com limitada interferência dos restantes cidadãos ou dos políticos.”* (Glynn *et al*, 1999: 145). Mas o certo é que os comentadores da TV funcionam como faróis, como guias para o entendimento de determinados assuntos, introduzindo as suas perspectivas. Estes contributos servem para criar, solidificar ou contrariar ideias. E a estratégia de continuidade, assegurada pela permanência no mesmo programa televisivo, no mesmo dia, à mesma hora, visa, sem dúvida, acentuar esses objectivos de formação da opinião.

“Desde há muito tempo que a televisão é vista pelos jornalistas do ‘papel’ com alguma suspeição: mas a maioria já reconheceu que, para a maioria da população no Reino Unido (e em todo o lado), a televisão é o meio de informação dominante – e, como diz MacShane: ‘A maioria das pessoas forma as suas opiniões através da televisão’.” (Hobsbawm e Lloyd: 29)

Por outro lado, o fenómeno da construção de opinião debate-se com uma realidade: Glynn *et al* argumentam que a Opinião Pública *“não é um objecto estático e imóvel que tenha sempre a mesma forma e volume. Pelo contrário, é um processo extremamente dinâmico e fluído que reflecte o que as pessoas pensam, as interacções entre uns e outros, e lida com as forças políticas de acordo com a sua própria forma de organização.”* Para além disso, *“constantemente os cidadãos mudam constantemente e reavaliam as suas atitudes e opiniões”* (Glynn *et al*, 1999: 381). Assim, considerando a rapidez com que os indivíduos mudam de opinião (veja-se, a título de exemplo, as significativas flutuações em sondagens, inquéritos de opinião e, ainda, resultados eleitorais), faz ainda mais sentido que os mesmos argumentos, as mesmas ideias, se repitam semana após semana.

Juntando todos os comentadores televisivos, poder-se-ia considerar que os responsáveis editoriais manifestam aí alguma preocupação de pluralismo. No caso de Portugal, poderia ser maior, como iremos constatar pelos dados empíricos. No entanto, a fragmentação do espaço público nem sempre facilita esta procura de diversidade e de representatividade nos painéis de comentadores residentes. Dader explica que o mais

relevante no processo de representação da vida social traduzida pelos media “*implica que o subsistema dos media recupere a sua função (...) de mediação crítica, sendo, ao mesmo tempo, uma plataforma plural aberta à agregação de vozes interessadas ou afectas à acção política. O principal obstáculo que distancia os nossos media dessa ideia é a fragmentação do espaço público em pequenos espaços atomizados, com um eco que é cada vez mais pequeno.*” (2008:230).

Paralelamente à composição dos painéis e ao conseqüente problema do pluralismo, há também a questão da agenda que se fixa para determinado debate. Se determinados comentadores residentes se inclinam mais para uma estrutura de pensamento dominante, a verdade é que os temas escolhidos também determinam o desenvolvimento de um programa.

“Através da selecção e apresentação diária de notícias os editores e os directores de informação centram a sua atenção e influência ou percepções naqueles que são os assuntos mais importantes do dia. Esta capacidade para fazer sobressair determinados tópicos na agenda pública tem vindo a ser chamada de ‘agenda-setting’ dos media informativos.” (McCombs, 2004:1).

Embora os editores dos órgãos de comunicação social continuem a ter um papel determinante na definição da agenda, dos assuntos que serão, ou não, tratados jornalisticamente, também os comentadores assumem uma parte dessa função. Ou seja, não se limitam a comentar aquilo que foi notícia (porque os editores assim o entenderam), como frequentemente recuperam para o debate assuntos que tiveram pouco destaque ou que nem sequer foram noticiados. Neste contexto, torna-se importante verificar as funções que, por exemplo, Hobsbawm e Lloyd atribuem aos comentadores: “*entreter; marcar as agendas; garantir que dizem a verdade; polemizar; visionar ou estabelecer tendências; formar, ou falar para, os cidadãos; mudar as opiniões; exercer poder*” (2008:18-25).

Os comentadores dos programas de televisão têm, naturalmente, o poder de falar directamente para os cidadãos. Mas o seu discurso é, frequentemente, duplo, no sentido em que os painéis em que participam se tornam campos de batalha (nas mais variadas áreas). Para além de se dirigirem a um público vasto, os comentários dirigem-se, muitas vezes, a opositores, nomeadamente no campo da política. Como a política se faz, em boa medida, de anúncios, de comentários e de reacções, os programas televisivos com comentadores fixos revelam-se um excelente lugar para testar ideias e para reagir ao que foi feito e /ou dito pelos 'outros'. Mesmo que alguns comentadores não reconheçam que o que dizem altere a opinião pública, “*os comentadores são levados a sério por aqueles que constituem a classe política;*

e, de uma forma ou de outra, os próprios comentadores também consideram que a sua actividade é para ser vista como algo sério.” (Hobsbawm e Lloyd, 2008: 33).

Neste artigo, iremos identificar quem são os comentadores residentes da TV portuguesa, que canais os privilegiam e que formatos os escolhem. Num segundo momento, vamos analisar os programas com mais convidados residentes: os programas de desporto e os de política.

2- Caminhos metodológicos

Os comentadores residentes são aqueles que constituem painéis fixos nos programas informativos de debate na televisão. Queremos aqui identificar estes participantes activos na produção do discurso televisivo, no campo da opinião e da análise. Para isso, foi feito um levantamento dos programas em exibição entre Setembro de 2010 e Junho de 2011 nos canais generalistas e nos canais temáticos (informação por cabo), entre segunda e sexta-feira. Nestas condições, foram identificados 17 programas, distribuídos por dois canais generalistas (RTP1 e SIC) e três temáticos (RTPN, SICNotícias e TVI24).

Constado o facto de serem os programas de política e de futebol aqueles que reuniam mais painéis fixos, analisamos, num segundo momento, a constituição desses grupos. Foram identificados 47 comentadores (sendo que Luís Menezes aparece em dois programas e apenas 4 são mulheres), que se distribuíram por ocupações profissionais específicas (naturalmente que, na maior parte dos casos, em função do tipo de programa).

A caracterização dos comentadores dos painéis fixos foi feita com base na informação do domínio comum. Porque se trata, na generalidade, de figuras públicas, foi relativamente fácil identificar cada um dos comentadores com uma profissão e/ou com um determinado posicionamento (político/partidário ou clubístico). Nesta categorização foi também utilizada a identificação de tomadas de posição claramente a favor ou contra partidos ou clubes. Para além da questão profissional (sendo que as principais profissões em presença eram, à partida, óbvias, nomeadamente no que diz respeito aos políticos, aos jornalistas e aos profissionais ligados ao futebol), era necessário comprovar a existência, ou não, de factores de representatividade das diferentes forças em presença nos debates.

Para a caracterização de cada um dos programas foram utilizadas informações disponíveis online, nomeadamente nos sítios de cada canal, assim como artigos publicados na comunicação social. Neste caso, não se trata de um levantamento exaustivo, porque o âmbito do estudo se centra sobretudo na tentativa de caracterização dos comentadores e na busca de uma resposta para as razões que terão estado na origem das respectivas escolhas. Importa, sobretudo, saber quem são estes comentadores e o que representam, quer esta representatividade seja óbvia ou mais difícil de descortinar.

3 - Quem são e onde estão os comentadores residentes da TV portuguesa

Não são muito diversificados os comentadores da TV portuguesa. Olhando a origem geográfica, constata-se que a esmagadora maioria daqueles que têm acesso regular aos *plateaux* informativos é de Lisboa. É também no masculino que se declinam as opiniões que semanalmente se vão esgrimindo em formatos que falam sobretudo de política e de futebol.

Comparando os canais generalistas com os canais temáticos, conclui-se que é na televisão por cabo que os painéis se multiplicam. Porque há mais programas de informação, porque o fluxo contínuo exige que se garantam presenças fixas, porque os canais de TV precisam de convidados com projecção pública para conquistar notoriedade e uma das formas de conseguir isso é criar com eles um contrato/acordo de prestação de serviços.

Na televisão generalista, o Jornal da Noite da SIC é o único noticiário que, durante a semana, recebe um convidado fixo³, o jornalista Miguel Sousa Tavares que, em finais de 2009, protagonizou uma mudança de empresa televisiva, transferindo-se da TVI para a SIC, ele que já havia trabalhado aí nos primeiros anos desta estação privada (saiu dali em 1999 para a TVI). No canal público generalista, o programa que integra um painel fixo de convidados é o Corredor do Poder, um formato que estreou a 28 de Fevereiro de 2008, apresentado pela jornalista Sandra Sousa e que contava, nas noites de quinta-feira, com políticos dos partidos com assento parlamentar. Tratou-se aqui de cumprir uma das alíneas da cláusula 9 do contrato de concessão de serviço público que fixava para a RTP 1 a emissão de “espaços regulares sobre a actividade política nacional, que tenham em conta a

³ O Jornal Nacional da TVI também integra convidados nas edições de fim-de-semana (ex: Marcelo Rebelo de Sousa ao domingo), mas esse trabalho apenas analisa as emissões de segunda a sexta-feira.

pluralidade e a representatividade dos partidos políticos com assento nas instituições parlamentares”. Com este formato, a RTP quis experimentar captar imagens em estúdio com câmaras escondidas. Durante a apresentação deste novo programa, o então director de informação, José Alberto Carvalho, defendeu que esta opção era “um desafio para a realização e para a cenografia”, tendo como objectivo "tornar o debate mais espontâneo, embora as pessoas saibam que estão na televisão” (DN, 28 de Fevereiro de 2008). O programa não incorporava qualquer peça jornalística de enquadramento, ficando a jornalista que o conduzia com a função de distribuir temas e gerir as intervenções, o que transformava este espaço numa réplica do Parlamento. A principal diferença são os tempos dados a cada representante (aqui, têm todos o mesmo 'peso') e, sobretudo, o tipo de linguagem utilizada pelos comentadores, que sabiam que estavam a ser ouvidos pelo 'grande público'.

Quadro 1: Comentadores residentes dos programas da TV portuguesa (2010/2011)⁴

Programa	Canal	Painel	Tipo de painel
Corredor do Poder	RTP 1	Nuno Melo; Luíz Menezes; Sérgio Sousa Pinto; José Gusmão; João Oliveira	Clara representatividade
Jornal da Noite	SIC	Miguel Sousa Tavares	Visão única
Dia Seguinte	SIC N	Dias Ferreira; Guilherme Aguiar; Rui Gomes da Silva	Limitada representatividade
Contraste	SIC N	Morais Sarmiento; Francisco Assis	Limitada representatividade
Quadratura do Círculo	SIC N	Pacheco Pereira; Lobo Xavier; António Costa	Representatividade e intermédia
Plano inclinado	SIC N	Medina Carreira ⁵	Visão única
Trio D'ataque	RTPN	António Pedro Vasconcelos; Rui Oliveira e Costa; Miguel Guedes	Limitada representatividade
Pontapé de Saída	RTPN	Carlos Carvalhal; Luíz Freitas Lobo	Visões específicas
Directo ao Assunto	RTPN	Carlos Abreu Amorim; Emídio Rangel; Joana Amaral Dias	Representatividade e intermédia
Pontos de Vista	RTPN	Luíz Menezes; José Lello; João Almeida; Jorge Machado; Catarina Martins	Clara representatividade
Contra-Análise	RTPN	Paulo Rangel; Correia de Campos; Miguel Carvalho; Ricardo Jorge Pinto; Manuel	Visões mistas

⁴Os nomes inseridos neste quadro correspondem àqueles que, no tempo de escrita deste texto (Setembro/Outubro de 2011), integravam os painéis.

⁵Medina Carreira haveria de se transferir em Outubro de 2011 para a TVI 24 para fazer, juntamente com a jornalista Judite de Sousa, o programa Olhos nos Olhos.

		Carvalho	
Prolongamento	TVI 24	Eduardo Barroso; Fernando Seara; Manuel Serrão	Limitada representatividade
Mais Futebol	TVI 24	Nuno Madureira; Pedro Ribeiro; Tomaz Morais; João Vieira Pinto	Visões mistas
Prova dos 9	TVI 24	Santana Lopes; Medeiros Ferreira; Fernando Rosas	Representatividade e intermédia
Contas à Vida	TVI 24	Pina Moura; Jorge Braga de Macedo	Limitada representatividade
Jornal do Dia	TVI 24	Alberto João Jardim /Ana Gomes	Limitada representatividade
Sala de Imprensa	TVI 24	Ana Sá Lopes; António Ribeiro Ferreira	Visão distanciada

Os programas que, entre 2010 e 2011, viviam da presença de comentadores permanentes distinguem-se de acordo as opções feitas: com clara representatividade (ouvindo-se todas as facções); com limitada representatividade (apenas as partes consideradas mais importantes); com visões específicas (diferentes tipos de profissionais dentro da mesma área); com uma visão única (apenas um especialista); com uma visão distanciada (apenas jornalistas); com visões mistas (profissionais da área e jornalistas/observadores).

No que diz respeito às profissões dos comentadores residentes, verifica-se que, no total dos 47 comentadores (Luís Menezes aparece duas vezes), os painéis contam com 24 políticos (2 deles em programas desportivos), 3 não filiados, mas identificados com um partido político, 9 jornalistas, 3 profissionais do desporto, 8 com outras profissões (sendo uma parte considerável destes comentadores figuras que o público se habituou a ver noutros contextos mediáticos, pelas actividades que desenvolvem).

O facto de os programas com painéis residentes se centrarem sobretudo na área da política e do desporto faz com que os comentadores que neles têm assento sejam muito pouco representativos dos diferentes grupos sociais. Um outro aspecto importante é que, quer no caso dos programas de política quer no caso dos programas de futebol, se registam algumas substituições, por situações diversas (mudança de canal, renovação do painel, eleição para cargos incompatíveis, falecimento).

- Políticos (em programas de Política): Luís Menezes (PSD); Morais Sarmiento (PSD); Santana Lopes (PSD); Jorge Braga de Macedo (PSD); Paulo Rangel (PSD); Pacheco Pereira (PSD); Alberto João Jardim (PSD); Sérgio Sousa Pinto (PS); Francisco Assis

(PS); António Costa (PS); Pina Moura (PS); Correia de Campos (PS); Ana Gomes (PS); Medeiros Ferreira (PS); José Lello (PS); Nuno Melo (CDS-PP); Lobo Xavier (CDS-PP); João Almeida (CDS-PP); José Gusmão (BE); Fernando Rosas (BE); Catarina Martins (BE); Jorge Machado (PCP); João Oliveira (PCP).

- Políticos (em programas de Desporto): Rui Gomes da Silva (PSD); Fernando Seara (PSD).
- Não filiados, mas identificados com um partido político: Carlos Abreu Amorim; Emídio Rangel; Joana Amaral Dias.
- Jornalistas: Luís Freitas Lobo; Pedro Ribeiro; Miguel Carvalho; Ricardo Jorge Pinto; Manuel Carvalho; Nuno Madureira; Miguel Sousa Tavares; Ana Sá Lopes; António Ribeiro Ferreira.
- Profissionais do Desporto: Tomaz Morais (treinador de rãguebi); Carlos Carvalhal (treinador futebol); João Pinto (ex-jogador internacional).
- Outros: Medina Carreira (economista); Guilherme Aguiar (advogado); António Pedro Vasconcelos (cineasta); Miguel Guedes (músico e advogado); Rui Oliveira e Costa (empresário); Eduardo Barroso (médico); Manuel Serrão (empresário); Dias Ferreira (advogado).

Nos canais de informação por cabo, destacam-se três tipos de programas que recorrem a comentadores fixos:

*Noticiários.

* Programas de futebol.

* Programas de política.

No caso dos noticiários, é a TVI 24 que mais assume essa opção. No período em análise, a SIC Notícias e a RTPN têm nos seus jornais das 21h00 espaços cativos para um frente-a-frente protagonizado pela classe política, mas por esse espaço circula um número assinalável de políticos, sem dia marcado para aparecer em antena. O canal de informação da TVI torna esse convite fixo para certas pessoas em determinados serões.

O estúdio do futebol

Os programas de desporto, nomeadamente de futebol, têm uma grande centralidade nos canais de televisão, com particular destaque nos canais de informação. Ora, para discutir

a bola durante algum tempo, são necessárias pessoas que promovam esse debate e a TV portuguesa faz isso criando, no interior de cada formato, um painel fixo. São três os modelos adoptados:

- Grupo especializado: (ex) treinadores, (ex) futebolistas, (ex) árbitros
- Grupo de adeptos notáveis: convidados que representam os adeptos daqueles que se consideram os três maiores clubes (Porto, Benfica, Sporting)
- Grupo misto: juntam-se em estúdio jornalistas, com desportistas e, por vezes, adeptos, dando a todos o estatuto de comentador.
- Comentário individual: apenas se convida um comentador e ele estrutura todo o programa.

O primeiro modelo é seguido pelo único canal generalista que tem um programa de debate com comentadores fixos: a TVI. Trata-se de Liga ZON Sagres, emitido ao domingo, às 00h45. São comentadores permanentes João Pinto (ex-jogador), Pedro Barbosa (director desportivo), Pedro Henriques (ex-árbitro). Aqui, a preocupação não será a da representatividade clubística, mas antes uma opção em função dos conhecimentos técnicos e experiências relacionados com o tema do programa.

A história recente dos programas de debate de futebol com painéis fixos coloca como vector estruturante deste filão um formato de programa que faz sentar no *plateau* um moderador e um representante daqueles que se consideram ser os três maiores clubes de futebol (Porto, Benfica, Sporting). São estes programas os mais importantes, aqueles com maior longevidade e que atraem maiores índices de audiência. Esses comentadores-residentes, todos homens, são rostos que, há mais de uma década, circulam por este tipo de formato. Em sobreposição de horário (este é o modelo prevalecente na SIC Notícias e na TVI 24) ou em dias alternativos (caso da RTPN), todos os canais de informação do cabo fazem deste tipo de formato uma das suas principais âncoras de programação em horário nobre.

A SIC Notícias criou Agosto de 2003 O Dia Seguinte, um formato que vai para o ar às segundas-feiras e que é líder das audiências neste segmento de oferta e um dos programas mais vistos do canal. Ao longo destes anos, o painel de comentadores foi sofrendo alguns retoques. Do trio inicial, apenas Guilherme Aguiar (FC Porto) se mantém. Fernando Seara (Benfica) transitou para o *plateau* de um programa concorrente que, na TVI 24, vai para o ar

à mesma hora. Dias Ferreira (Sporting) abandonou o programa depois de anunciar a sua candidatura à presidência do Sporting. Com a partida de Fernando Seara, o lugar de comentador afecto ao Benfica foi entregue a Sílvio Cervan, dirigente do clube e conhecido *opinion maker* da imprensa desportiva portuguesa, que, passados dois anos (antes do início da época 2010/2011), passou essa função para Rui Gomes da Silva, também ele dirigente do Benfica. Já para o lugar de Dias Ferreira foi convidado, em Fevereiro de 2011, o gestor Paulo Andrade, que permaneceu no painel cerca de três meses (o período em que Dias Ferreira foi candidato à liderança do Sporting). Em Outubro de 2011, os comentários são feitos por três personalidades com ligações distintas ao futebol: o advogado Rui Gomes da Silva é o adepto do Benfica e, para além de ter sido ministro do XVI Governo Constitucional, é vice-presidente da Direcção do clube da Luz; José Guilherme Aguiar é adepto do Futebol Clube do Porto, vereador da Câmara Municipal de Matosinhos e ex-Director-Executivo da Liga de Clubes; Dias Ferreira, advogado e sócio Sporting, candidatou-se à liderança deste clube, em Abril de 2011.

Quadro 2: Comentadores d' O Dia Seguinte (SIC Notícias)

Nome do programa	Comentadores	Canal	Ano
O Dia Seguinte	1ª geração Fernando Seara, Dias Ferreira, Guilherme Aguiar	SIC NOT	2003
	2ª geração Sílvio Cervan, Dias Ferreira, Guilherme Aguiar	SIC NOT	2009
	3ª geração Rui Gomes da Silva, Dias Ferreira, Guilherme Aguiar	SIC NOT	2010
	4ª geração Rui Gomes da Silva, Paulo Andrade, Guilherme Aguiar	SIC NOT	2011
	5ª geração Rui Gomes da Silva, Dias Ferreira, Guilherme Aguiar	SIC NOT	2011

O segundo programa há mais tempo no ar é emitido na RTPN: é o Trio d'Ataque. Foi criado em 2005 e ocupa um lugar de destaque na grelha do canal público de informação nas noites de terça-feira. Do trio inicial foi sendo renovado. O apresentador Jorge Gabriel abandonou o programa depois de ter aceiteado o convite para treinar uma equipa semi-

profissional da II divisão, tendo sido substituído pelo músico Sérgio Godinho, primeiro, e, depois, pelo empresário Rui Oliveira e Costa. Já o afastamento de Rui Moreira do programa deu mais que falar, uma vez que o comentador abandonou o estúdio em directo durante a emissão do dia 5 de Outubro de 2010 por discordar dos comentários de António Pedro Vasconcelos sobre a divulgação de novas escutas do "Apito Dourado" no Youtube e que envolviam o FC Porto. O então presidente da Associação Comercial do Porto, próximo das estruturas dirigentes do clube que representava, viria a ser substituído por Miguel Guedes, vocalista do grupo musical "Blind Zero" que, na rádio pública, tinha funções idênticas àquelas para que foi chamado no operador público de TV.

Quadro 3: Comentadores d' Trio de Ataque (RTPN)

Nome do programa	Comentadores	Canal	Ano
Trio d' Ataque	1ª geração António Pedro Vasconcelos, Jorge Gabriel, Rui Moreira	RTPN	2005
	2ª geração António Pedro Vasconcelos, Sérgio Godinho, Rui Moreira	RTPN	2006
	3ª geração António Pedro Vasconcelos, Rui Oliveira e Costa, Rui Moreira	RTPN	2006
	4ª geração António Pedro Vasconcelos, Rui Oliveira e Costa, Miguel Guedes	RTPN	2010

A TVI24 emite desde a sua criação (em 2009) um formato de debate em torno do futebol: o Prolongamento chega à segunda-feira à noite. Moderado por Sousa Martins, o programa conta, desde 2009, com Fernando Seara e Eduardo Barroso, tendo, no início de 2011, incluído Manuel Serrão, depois da morte de Pôncio Monteiro. Todos estes comentadores são repetentes neste género de programas.

Quadro 4: Comentadores do Prolongamento (TVI 24)

Nome do programa	Comentadores	Canal	Ano
Prolongamento	1ª geração Fernando Seara, Eduardo Barroso, Pôncio Monteiro	TVI 24	2009
	2ª geração	TVI	2011

	Fernando Seara, Eduardo Barroso, Manuel Serrão	24	
--	--	----	--

Na época desportiva 2010/2011, por diferentes motivos, os três programas aqui em análise tiveram de encontrar novos comentadores. O Dia Seguinte escolheu Rui Gomes da Silva para ocupar o lugar de Sílvio Cervan por “estar disponível, por ser uma pessoa mediática, e ligada ao Benfica”, explica-nos Martim Mariano, o coordenador deste formato (entrevista própria). No Prolongamento, era necessário um adepto do Futebol Clube do Porto para ocupar o lugar de Pôncio Monteiro, falecido no final de 2010. “Precisámos de um adepto do FC Porto com notoriedade pública e agressividade em debate, alguém conhecido por defender de forma acirrada e até polémica o seu clube e com boa capacidade argumentativa”, explica o responsável pelo programa (entrevista própria). A escolha recaiu no empresário Manuel Serrão. No Trio d’ Ataque, foi necessário substituir Rui Moreira, que abandonou o programa em directo, em protesto pelas críticas feitas por António Pedro Vasconcelos ao presidente do FC Porto. Escolheu-se o vocalista de uma banda musical e comentador desportivo na rádio pública, Miguel Guedes.

Parece então evidente que tão importante quanto a ligação a um dos três clubes, crucial no momento da escolha de um novo convidado é a sua notoriedade pública. Do actual naipe de comentadores, há vários que se eternizaram nestes formatos. Sendo o futebol um desporto de massas, uma paixão partilhada por quase todo o país, por que razão os canais de TV tendem a entregar o poder da palavra aos mesmos? “Em equipa que ganha não se mexe. Creio que esta máxima se aplica perfeitamente a este tipo de programas. Se temos um formato vencedor, sólido, que dá audiências, e que consegue manter essa mesma solidez ao longo de várias temporadas, para quê mudar? A mudança tem de ser sempre bem pensada em televisão. O público que consome o produto está familiarizado com o formato e, em caso de descaracterização, deixa de se sentir identificado com o produto que até aqui existia e procura uma alternativa, que está ao simples alcance de um botão no comando da televisão”, explica o produtor d’ O Dia Seguinte, Martim Mariano. “[Os comentadores] ganham mediatismo e relevância social. São idolatrados pelos adeptos. São mais conhecidos do que muitos jogadores dos clubes que representam”, sintetiza o jornalista e apresentador do Trio d’ Ataque, Hugo Gilberto.

Na hora de definir os temas a tratar, há duas formas de organização: revelar antecipadamente aos comentadores quais os assuntos em destaque ou mantê-los na ignorância. Esta última opção é adoptada no Trio d' Ataque: “Não há qualquer acordo prévio. Eu defino os assuntos e eles comentam-nos. Nem sequer há qualquer conversa de bastidores sobre o conteúdo do programa”. O Dia Seguinte segue outra estratégia, recebendo os convidados durante o dia de segunda-feira “um pré-alinhamento onde estão indicados os temas que vão ser discutidos no programa” de forma a dar-lhes “a possibilidade de se prepararem para o programa e definirem linhas de raciocínio e de construção do comentário”. O produtor do Prolongamento segue um plano similar, referindo que “na maior parte das vezes os convidados sabem os temas dos quais vão falar. Os temas, não as perguntas ou as abordagens”.

O terceiro modelo junta 'especialistas' com jornalistas. Exemplo disso é o Pontapé de Saída, que, entre Setembro de 2010 e Junho de 2011, era transmitido pela RTPN, às quintas, pelas 22h30, e que contava em estúdio com o comentador desportivo, Luís Freitas Lobo, e com o antigo treinador do Sporting, Carlos Carvalhal. Neste formato havia ainda a figura de um segundo pivot, Álvaro Costa, que estava ali para fazer a ponte com as redes sociais e com aquilo que os telespectadores iam escrevendo à medida que o alinhamento ia progredindo. Outro exemplo é o do Mais Futebol, emitido na TVI 24.

No quarto modelo, o pivot encontra em estúdio um comentador que vai tecendo considerações sobre o universo do futebol. É isso que se passa em Tempo Extra que a SIC Notícias emite às 23h00 de domingo, Rui Santos comenta sozinho a actualidade desportiva, numa espécie de “one-man-show”. Aos sábados à noite, a RTP coloca no ar um formato algo semelhante, apenas uma nota distintiva: em vez de um comentador, Zona Mista faz sentar em estúdio dois comentadores que são jornalistas (João Govern e Bruno Prata). Estes são, no entanto, programas que não se incluem nesta análise por serem emitidos ao fim-de-semana.

A TV da política

A televisão sempre gostou da política e os políticos da televisão. Percorrendo os alinhamentos temáticos dos programas de informação, os estudos que se debruçam sobre os conteúdos televisivos percebem rapidamente que o campo político é hegemónico no trabalho

dos jornalistas da TV. Ora, quando há necessidade de se pensar em comentadores residentes para determinados programas, a linha de raciocínio mantém-se: valorizam-se os políticos e, nos últimos anos, os jornalistas que adquiriram alguma projecção pública. Isto acontece porque estas pessoas apresentavam algumas destas características:

- Discurso fluente e expressivo;
- Possibilidade de falar em nome de terceiros;
- Telegenia/ rentabilidade mediática;
- Notoriedade pública ou, na ausência dela, capacidade de prender as audiências através daquilo que dizem.

Olhando para o Quadro 1, salienta-se um conjunto importante de programas políticos que se desdobram em dois modelos:

- Ora são feitos com políticos em estúdio.
- Ora misturam políticos com jornalistas nos plateaux de informação.

No primeiro modelo, inserem-se os seguintes programas:

- Corredor do Poder (RTP1) – Sandra Sousa modera o debate com cinco comentadores, representantes das cinco principais forças partidárias, discutindo todas as situações relevantes do espaço público nacional. Trata-se de um programa de debate político que, de acordo com informações da própria RTP, “preenche um espaço em branco nas grelhas de programação dos principais canais generalistas portugueses”. No início do programa, os cinco comentadores permanentes do Corredor do Poder eram Ana Drago, Margarida Botelho, Nuno Melo, Marcos Perestrello e Marco António Costa. A produção salientava que com este painel de comentadores, do qual resulta uma média etária relativamente jovem para este tipo de programas, procurava “dar voz a novos argumentos e a novas ideias sobre Portugal e o mundo”. Em Outubro de 2011 participavam no programa os comentadores Nuno Melo (CDS-PP), Sérgio Sousa Pinto (PS), José Gusmão (BE), João Oliveira (PCP) e Luís Menezes (PSD).

- Quadratura do Círculo (SIC Notícias): eis o formato de debate político com mais longevidade na TV portuguesa. Estreou na rádio nos anos 80 com o nome de Flashback, na altura apresentado por Emídio Rangel. Tinha como slogan “*Um olhar sobre a actualidade*” e esse olhar era semanalmente construído por políticos (José

Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente⁶). Mais tarde Rangel haveria de dar lugar ao jornalista Carlos Andrade e, no início dos anos 90, o programa radiofónico haveria de se transferir para a SIC generalista, sendo colocado na franja horária da noite. Sempre com a política como ângulo de análise. Em 2003, Flashback desaparece. No ano seguinte, haveria de aparecer um formato muito semelhante na SIC Notícias com apresentação de Carlos Andrade e com um painel fixo composto por José Pacheco Pereira, José Magalhães⁷, António Lobo Xavier. Este é um claro exemplo de um programa em que a opinião se faz não só para a opinião pública, em geral, mas também para agendar a actualidade política. Muitas vezes aquilo que é ali dito é depois aproveitado para peças noticiosas. O programa que comenta o que acontece é ele próprio criador de metacontecimentos. Independentemente das audiências do programa, os políticos que nele participam sabem que o que ali disserem vai ter réplicas, vai dar origem a comentários e vai, frequentemente, suscitar novas posições sobre os mesmos assuntos, num ciclo que parece não ter fim.

- Contraste (SIC Notícias): debate que teve a sua estreia a 9 de Março de 2010 e perdurou por um período de um ano (a última emissão foi a 15 de Março de 2011). Este formato, moderado pela jornalista Ana Lourenço, colocava frente-a-frente o socialista Francisco Assis (na altura presidente do grupo parlamentar) e o social-democrata Nuno Morais Sarmiento. Não há aqui qualquer preocupação com o pluralismo partidário, apenas a vontade de incentivar uma discussão musculada. Os dois comentadores não são estreantes neste tipo de emissão. Nuno Morais Sarmiento foi o interlocutor de Augusto Santos Silva em Cara a Cara, no arranque do TVI 24. Francisco Assis integrava o grupo de comentadores da RTPN.

- Plano Inclinado (SIC Notícias): apresentando-se como um formato de análise económica, este programa constituía-se também como um espaço de debate político entre um convidado residente, Medina Carreira, e os convidados que semanalmente o moderador Mário Crespo convidava para estúdio. Criado em Novembro de 2009, este formato desaparece de antena em Fevereiro de 2011, alegadamente depois de uma discussão entre os dois protagonistas, antes de uma edição. A SIC justificou a suspensão de programa por estar num momento de 'ponderação'.

⁶Com a saída de Vasco Pulido Valente do programa, sucedeu-se Miguel Sousa Tavares e, depois, Nogueira de Brito.

⁷José Magalhães foi substituído por Jorge Coelho e este por sua vez deu lugar a António Costa

- Pontos de Vista (RTPN): inicialmente apresentado por Fátima Araújo (tendo também contado com a apresentação de João Fernando Ramos, Estela Machado, Sandra Pereira e de Jorge Oliveira da Silva), este programa teve a sua última emissão a 12 de Setembro de 2011. Tratava-se de um programa semanal de debate cujo enfoque estava sobretudo nas questões da actualidade política, com representantes das cinco principais forças partidárias, embora também fossem discutidas questões económicas e sociais. Os comentadores que representavam os cinco partidos foram variando ao longo do tempo. Esta rotatividade de participantes permite concluir que, mais do que um interesse em ter determinados comentadores, o objectivo do programa era o de ter uma clara representatividade político/partidária.
- Contas à Vida (TVI 24): apesar de o enfoque ser o económico, o painel fixo composto por dois economistas que exerceram funções governativas ligados a partidos diferentes (Pina Moura, do PS e Braga de Macedo do PSD) arrastam a discussão para o campo político. Forçosamente.
- Provas dos Nove (TVI 24): este programa, que estreou a 22 de Fevereiro de 2011, coloca semanalmente em estúdio (às 23h00 de terça-feira) o seguinte painel fixo: o professor universitário que já foi dirigente do PS (e ministro de um Governo de Mário Soares) Medeiros Ferreira, o académico e fundador do Bloco de Esquerda Fernando Rosas e o ex-primeiro ministro do PSD Pedro Santana Lopes. A moderação fica a cargo da editora de política da TVI, Constança Cunha e Sá. A promoção do programa é clara relativamente aos objectivos de pluralidade: “Três opiniões distintas. Três quadrantes políticos. Três visões do país e do mundo que não vai querer perder. (...) A estes comentadores, Constança Cunha e Sá junta a actualidade política, económica, social. O que se passa em Portugal e no mundo. Que perspectivas de futuro podemos ter.” Um dos ingredientes do programa é, naturalmente, a polémica⁸.

No segundo modelo, temos:

- Directo ao Assunto (RTPN): estreou a 29 de Abril de 2009 e manteve-se cerca de dois anos em antena. A ideia era debater a actualidade política com individualidades

⁸Aliás, Pedro Santa Lopes, num artigo de opinião publicado no Sol a 4 de Julho de 2011, escreveu: “Esta semana, por exemplo, como tive uma troca de palavras muito acesa com Fernando Rosas, na Prova dos Nove da TVI 24, falaram-me várias pessoas a expressarem a sua satisfação por estar de volta o meu «antigo estilo em debates».”

que, não sendo filiadas, tinham posições que se identificavam com determinados partidos. Para comentadores residentes escolheram-se então Emídio Rangel (de posições próximas do PS), Carlos Abreu Amorim (com posições próximas dos partidos de direita) e Rui Tavares (com posições identificadas com a esquerda). Com a ida deste último para deputado no Parlamento Europeu (pelo Bloco de Esquerda), contratou-se Joana Amaral Dias. Abreu Amorim haveria de sair também, quando eleito deputado para a Assembleia da República (pelo PSD)

- Contra-Análise (RTPN): estreou a 22 de Outubro de 2011 e tinha como fim conjugar opinião política com a análise de actualidade, durante uma hora e meia (entre as 22.30 e as 24 horas). Para isso contava em estúdio com os eurodeputados Paulo Rangel (PSD) e Correia de Campos (PS) e com os jornalistas Miguel Carvalho (Visão), Ricardo Jorge Pinto (Expresso) e Manuel Carvalho (Público). Este programa juntava-se a Pontos de Vista⁹, com representantes das várias forças políticas, à segunda-feira e a Directo ao Assunto, com comentadores não filiados, à quarta. De acordo com o moderador do programa e, na altura, director-adjunto da RTPN, tratava-se aqui de uma oportunidade de “trazer a debate grandes protagonistas da vida política e que tivesse uma dimensão de análise” (JN, 22/10/10). Este formato esteve pouco tempo no ar.

4- Notas finais

Os comentadores da TV funcionam como faróis, como guias para o entendimento de determinados assuntos, introduzindo as suas perspectivas. Estes contributos servem para criar, solidificar ou contrariar ideias. E a estratégia de continuidade, assegurada pela permanência no mesmo programa televisivo, no mesmo dia, à mesma hora, visa, sem dúvida, acentuar esses objectivos de formação da opinião. Este é, claramente, um ponto de partida que permite concluir sobre a importância que estas figuras têm no panorama televisivo e na formação da opinião pública.

Entre 2010 e 2011, estiveram no ar 17 programas de debate político e futebolístico. Nele participaram 47 comentadores (um, Luís Menezes, participa/ou em dois programas),

⁹Este programa não é aqui considerado, porque não tem um painel fixo. Apenas se garante a presença de representantes dos partidos com assentos parlamentar. Que se renovam todas as semanas.

sendo que deste grupo apenas se registam 4 mulheres. A natureza dos programas em análise faz com que os comentadores que neles têm assento sejam muito pouco representativos dos diferentes grupos sociais. Na verdade, os painéis contam com 24 políticos (2 deles em programas desportivos); 3 não filiados, mas identificados com um partido político; 9 jornalistas; 3 profissionais do desporto e 8 com outras profissões. Estes últimos actuam no mundo das empresas, da advocacia ou da cultura e são pessoas com notoriedade mediática.

Os comentadores dos painéis são figuras que o público se habituou a ver também noutros contextos mediáticos pelas actividades que desenvolvem. Ou seja, raramente aparece como comentador fixo alguém que ainda não seja do domínio público, assim como raramente aparecem indivíduos representantes de sectores sociais e/ou económicos, apesar de muitos dos programas definirem nos seus objectivos uma preocupação de promover o debate sobre questões sociais, que supostamente interessam a todos. Para além disso, e à semelhança do que acontece, em geral, nos programas de debate e no campo do comentário esporádico, os jornalistas marcam uma presença forte no tipo de programas analisados. Trata-se, sobretudo, de jornalistas especializados na área do desporto e da política que assumem, também, um papel de comentadores, numa perspectiva de análise. Embora seja possível, pelo discurso produzido, identificar algumas tendências opinativas destes profissionais, o certo é que o fazem, na generalidade, sem esquecer a sua obrigação de independência.

A presença de comentadores com estas experiências profissionais corresponde às opções dos programadores, que poderão não ir ao encontro dos reais interesses dos cidadãos. A política e o desporto são duas áreas que, embora movimentando muitos interesses e embora sendo campos propícios a discussões aceras (porque envolvem grandes paixões), nem sempre respondem àquilo que os cidadãos necessitam de saber. Por outro lado, se a ideia dos programas com comentadores residentes é dar diferentes perspectivas sobre aspectos da vida comum considerados importantes, então teremos que concluir que muitas áreas de interesse dos cidadãos ficaram excluídas da discussão.

Este predomínio do desporto e da política em programas com comentadores residentes poderá explicar-se pelo facto de se tratar de áreas que, geralmente, geram polémica. Sabemos que um dos principais factores de atractividade, em termos de comunicação, é o conflito e este, frequentemente, está presente nos programas em análise. A questão que se coloca, e sobre a qual importa reflectir, é se temas como a educação e a saúde

também não poderiam dar origem a programas de debate/opinião, com comentadores fixos, com equivalentes níveis de aceitação por parte do público. Porque, na verdade, estes assuntos têm o ingrediente principal: estão presentes na vida de praticamente todos os portugueses (directa ou indirectamente) e têm, na sua essência, muitas questões que dão origem a debates, se não mesmo, conflitos.

Olhando para o painel de comentadores residentes, verifica-se que, regra geral, partilham determinadas características: à-vontade perante as câmaras; capacidade de argumentação; rapidez no raciocínio; bom domínio da comunicação não verbal; gosto pela polémica. Aliás, estas poderão ser as principais características que lhes terão garantido este estatuto de comentadores residentes. Estes lugares não se adquirem de um dia para o outro; regra geral, estes comentadores só passam a residentes depois de algumas prestações esporádicas. Admite-se que esta passagem de eventual a permanente resulte de uma análise que os programadores fazem, concluindo que alguns deles têm os ingredientes necessários para se conseguirem manter no ar, semana após semana, garantindo audiências, com argumentos simultaneamente válidos e polémicos.

Em termos de representatividade, assumindo uma forma simples de catalogar os programas, verifica-se que apenas 2 dos 17 programas analisados têm uma clara preocupação de representatividade (são programas de debate político, com presença de representantes dos partidos com assento parlamentar: PSD, PS, CDS-PP, BE e PCP). Existe o que se pode considerar de representatividade intermédia em 3 programas (todos no campo da política, com representantes de apenas três partidos) e representatividade limitada em 6 programas (no caso da política têm apenas dois comentadores – um do PSD e outro do PS – e no caso do desporto apenas incluem representantes dos 'três grandes' clubes de futebol – Futebol Clube do Porto, Benfica e Sporting –, independentemente destes estarem, ou não, nos primeiros lugares do campeonato). Os programas com comentadores permanentes considerados de visão única são apenas 2 (com Miguel Sousa Tavares e Medina Carreira). Na categoria de visões mistas foram identificados 2 programas (1 na política e 1 no desporto, com vários participantes com distintas posições e experiências profissionais). Finalmente, regista-se 1 programa com visões específicas (futebol) e 1 com uma visão distanciada (política, com comentários de jornalistas).

No global, poderá concluir-se que, nos programas analisados, existe uma preocupação de pluralidade que é relativa. Evidentemente, não se esperaria que todos os

pequenos partidos nem que todos os clubes da 1º divisão estivessem representados semanalmente nestes programas com comentadores fixos. Mas poderia estudar-se um modelo alternativo em que, na política, fosse dada voz aos pequenos partidos e em que, no futebol, fossem incluídos adeptos de clubes que, pelo menos em cada época, estiverem a destacar-se por um bom desempenho (às vezes chegando a ultrapassar um ou mais dos supostos 'três grandes').

Concluindo, os painéis de comentadores residentes reflectem, sobretudo, dois sectores da sociedade portuguesa, deixando de fora todos os telespectadores que não se interessem nem política nem por desporto. Estas áreas são, claramente, as que garantem mais espectáculo televisivo, na medida em que proporcionam confrontos e polémicas. E talvez estes ingredientes estejam a ser mais valorizados do que a preocupação de pluralismo e de representatividade.

Bibliografia

BRANDÃO, N.G., *As notícias nos telejornais*. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

OLDFIELD, C., *The credit crunch commentariat*. London: Editorial Intelligence, 2009.

DADER, J.L., “Secuestro y fuga de la opinión pública ante el periodismo” in Capellan, G., *Opinión pública, historia y presente*. Madrid: Editorial Trotta, 2008.

GLYNN, C.J., HERBST, S., O'KEEFE, G.J. e SHAPIRO, R.Y., *Public Opinion*. Boulder, CO: Westview Press, 1999.

HOBBSAWM, J. and LLOYD, J., *The Power of the Commentariat*. London: Editorial Intelligence Ltd in association with the Reuters Institute for the Study of Journalism, 2008.

JONES, D.M. and SMITH, L.L.R., “The commentariat and discourse failure: language and atrocity in Cool Britannia”. In *International Affairs* 82: 6 (2006) 1077–1100. London: Blackwell, 2006.

MCCOMBS, M., *Setting the agenda, the mass media and public opinion*. London: Polity Press, 2004.

MCQUAIL, D. & WINDAHL, S., *Modelos de Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

Jornais

DN, 28 de Fevereiro de 2008

Sol, 4 de Julho de 2011